



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

KEILA CUSTÓDIO CAMÊLO

**UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CHAPADA DE
NATIVIDADE: HISTÓRIA, TRADIÇÕES E FESTIVIDADES**

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2023

Keila Custódio Camêlo

**Um olhar sobre a comunidade quilombola de chapada de natividade: História, tradições
e festividades**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins, UFT - Campus Universitário de Miracema, como parte das exigências para a obtenção do título de licenciatura plena em Pedagogia, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Miranda de Oliveira.

Miracema do Tocantins, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- C181 o Camêlo, Keila Custódio.
Um olhar sobre a comunidade quilombola de chapada de natividade:
História, tradições e festividades. / Keila Custódio Camêlo. – Miracema, TO,
2023.
40 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2023.
Orientador: Antônio Miranda de Oliveira
1. Folia de Reis. 2. Chapada. 3. Tradição. 4. Educação. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

KEILA CUSTÓDIO CAMÊLO

UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CHAPADA DE
NATIVIDADE: HISTÓRIA, TRADIÇÕES E FESTIVIDADES

Monografia avaliada e apresentada ao *Campus* Universitário de Miracema/UFT, curso de Pedagogia, para obtenção do título de licenciada em Pedagogia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Professor Dr. Antônio Miranda de Oliveira – Orientador (a) – UFT.

Professora Dra. Luciane Silva de Souza – Examinador (a) – UFT.

Professora Mestre Tatiane da Costa Barros- SEMEC.

Dedico este trabalho aos milhares de negros que foram escravizados no Brasil, e que além de terem a sua força física escravizada, sofreram a **escravidão da alma**, que é a pior de todas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, criador e pai de toda humanidade, há quem devo o fôlego da vida, toda honra e toda glória. Aos meus pais, Valdir Messias de Jesus (in memória) e Joaquim Custódio Camelo, por todo amor, cuidados e incentivo, foram vocês que me deram a primeira formação.

Gratidão eterna à minha mãe, mulher forte, íntegra e zelosa que durante sua vida manteve ao meu lado me apoiando, sem me deixar desistir, ela que sempre sonhou em ter um filho graduado, do mais profundo do meu ser, obrigada mãe. Aos meus onze irmãos, especialmente à Ariston e Júlio César, por todo apoio e suporte no cuidado com meus filhos sempre que precisei.

Aos meus amados filhos, Paulo Augusto e Gabriella, pela compreensão nas minhas ausências e pelo amor dispensado a mim. Aos meus professores, em especial ao orientador Antônio Miranda, pelas orientações, apoio e paciência, aos demais que com certeza deixaram marcas positiva em minha jornada acadêmica.

Aos colegas da turma 2018/1, especialmente à Luciene Andrade, Laudicéia Conceição, Kelly Cristina e Jozana pelo apoio e companheirismo de sempre. Aos professores e funcionários do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes, onde iniciei e conclui o ensino fundamental e médio, essa base fez toda diferença e facilitou minha vida acadêmica.

Quero agradecer a todos da minha comunidade quilombola de Chapada da Natividade que se dispôs a contribuir para este trabalho de conclusão de curso, meus mais sinceros agradecimentos.

A todos os amigos, especialmente os antigos, que sempre me incentivaram a não desistir, a todos vocês, minha gratidão.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso buscou realizar uma pesquisa sobre a comunidade quilombola de Chapada de Natividade com olhar atento dos moradores da comunidade, bem como histórias e tradições, focando na folia de santos Reis. Fez-se uma pesquisa de cunho qualitativo baseado em pesquisa de campo, contando com entrevista semiestruturadas com moradores e líderes da comunidade. Contudo observou-se que o município é rico culturalmente com saberes que perpassam gerações há histórias que vão além da dança suça, dança cultural da comunidade, buscou-se conhecer a associação quilombola de Chapada de Natividade, que tem grande importância junto às pautas da comunidade, uma vez que ela os representa frente às questões burocráticas. Todavia, a história de Chapada da Natividade conta com a folia de reis, a folia de reis é um momento de interação, festejo e fé, tempo de renovação, tempo de pagar promessa, falar sobre a folia é cultural e histórica. Por isso se faz necessário que se aborde não somente a folia de reis solta e aleatória, é necessário que se contextualize para que assim o leitor entenda a importância que essa folia tem para seus foliões e comunidade em geral no município de Chapada de Natividade. Entender que além de uma folia é uma cultura passada de geração em geração e apreciada por pessoas de fora de Chapada da Natividade. O município é tão rico culturalmente que não se pode deixar de falar da sucia, ao qual já se apresenta fora dos limites geográficos do município, além de ser de grande importância na folia, pois no final a festa é um meio de terminar o giro e nela se dança a sucia, nela se despendem os foliões que se encontram no ano seguinte para girar novamente por outro caminho e em outra casa.

Palavras-chave: Folia de Reis. Chapada. Tradição. Educação.

ABSTRACT

This course conclusion work sought to carry out research on the quilombola community of Chapada de Natividade with a close eye on the community's residents, as well as stories and traditions, focusing on the festivities of Santos Reis. Qualitative research was carried out based on field research, with semi-structured interviews with residents and community leaders. However, it was observed that the municipality is culturally rich with knowledge that spans generations, there are stories that go beyond the Swiss dance, the community's cultural dance, we sought to get to know the quilombola association of Chapada de Natividade, which has great importance in the community's agenda, since it represents them in the face of bureaucratic issues. However, the history of Chapada counts with the festivities of kings, the festivities of kings is a moment of interaction, celebration and faith, a time of renewal, a time to pay off promises, talking about the festivities is cultural and historical. Therefore, it is necessary to address not only the loose and random festivities of kings, it is necessary to contextualize it so that the reader understands the importance that this festivities have for its revelers and the community in general in the municipality of Chapada de Natividade. Understanding that in addition to being a party, it is a culture passed down from generation to generation and appreciated by people outside of Chapada. The municipality is so culturally rich that one cannot fail to talk about Sucia, which is already outside the geographical limits of the municipality, in addition to being of great importance in the festivities, as in the end the festival is a means of ending the tour and The sucia is danced there, revelers spend their time in it, and the following year they will go around again along another path and in another house.

Keywords: Folia de Reis. Chapada. Tradition. Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Município de Chapada da Natividade, antigamente.....	18
Figura 2: Município da Chapada de Natividade, antigamente.....	19
Figura 3: Município de Chapada de Natividade, atualmente.....	19
Figura 4: Município de Chapada de Natividade, atualmente.....	20
Figura 5: Igreja Nossa Senhora do Rosário dos pretos.....	22
Figura 6: Grupo Suça Dona Maria.....	22
Figura 7: Artesanato.....	27
Figura 8: Artesanato Quibane.....	37
Figura 9: Folia de Santos Reis – Religião.....	33
Figura 10: Altar da Bandeira (2016).....	34

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	UMA LEITURA INICIAL SOBRE A CULTURA QUILOMBOLA	11
2.1	O Município de chapada de Natividade	13
2.2	A dança na Comunidade: Conhecendo a dança suça	20
2.3	Associação Comunitária Quilombola Visão de Águia - ACQVA	23
3	CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A FOLIA DE SANTOS REIS	28
3.1	A folia de reis em chapada de Natividade	30
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38
	APÊNDICE	39
	ANEXO	40

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu do interesse em apresentar a história da comunidade de Chapada de Natividade para estudantes, ex-alunos e a comunidade em geral, abrindo caminho para uma viagem pela cultura do estado, tão rica e escondida. Dessa forma, este estudo é de interesse de toda a comunidade acadêmica, da comunidade quilombola de Chapada de Natividade e, em geral, de todos que desejam conhecer a história e cultura de uma comunidade. O principal objetivo desta pesquisa é conhecer a história da comunidade quilombola de Chapada de Natividade, com um olhar interno, trabalhando desde os mais velhos até os mais jovens, a fim de compreender suas tradições.

Além disso, são propostos objetivos específicos: apresentar a história da comunidade quilombola de Chapada de Natividade no município de Chapada de Natividade; caracterizar as festividades, especialmente a folia de Santos Reis, mostrando sua importância para a comunidade; identificar e discutir a história da comunidade com as pessoas mais velhas, explorando lembranças repassadas por pais e avós; mostrar como os quilombolas mais jovens lidam com a responsabilidade de seguir as tradições e aprendem sobre as lutas da comunidade.

Diante disso, surgem algumas inquietações acerca da comunidade, do município e da Associação.

Como a comunidade transmite para as gerações atuais as atividades que foram repassadas há anos? Como surgiu a Associação Visão de Águia? Como ocorre a folia em Chapada de Natividade?

Para responder esses questionamentos e contribuir com esta pesquisa, foram realizadas entrevistas com a comunidade de Chapada de Natividade e consultas a fundamentações teóricas de diversos autores, buscando demonstrar a cultura presente na folia, o respeito à cultura e identidade do povo quilombola. Compreende-se que este trabalho foi realizado de forma analítica, argumentativa e reflexiva, buscando informações junto à comunidade para analisar a história de quem viveu e conhece. Anular toda essa sabedoria seria inviável para a construção deste trabalho, que busca conhecer a comunidade quilombola de Chapada de Natividade. Assim, realizou-se uma pesquisa qualitativa, documental e de campo.

Como suporte teórico para a pesquisa documental, foram consultados registros da ata da Associação dos Quilombolas Visão de Águia, registros na prefeitura de Chapada de Natividade sobre a comunidade (contidos no acervo histórico da Secretaria de Cultura). A pesquisa bibliográfica fundamentou-se na leitura dos textos de Pessoa (2005) e (2007), Furtado, Pedroza e Alves (2014), Moreira (2018), Coelho e Maia (2011), Alves (2009), Santos, Santos e

Araújo (2020), assim como no trabalho de Silva (2012), egressa do curso de Artes/Teatro do campus de Palmas.

A pesquisa de campo foi realizada com várias pessoas da comunidade e membros da Associação Comunitária Quilombola Visão de Águia. O primeiro contato foi feito explicando o propósito da entrevista e a importância das contribuições para o estudo. Todos concordaram e aceitaram que seus nomes e histórias fossem divulgados. Utilizou-se um roteiro de perguntas direcionado a cada pessoa de acordo com sua função na comunidade (o roteiro está anexado como Anexo II deste trabalho).

Desta forma, a pesquisa está organizada em três seções. A primeira, intitulada "Uma leitura inicial sobre a cultura quilombola," busca discorrer sobre o quilombo, uma parte importante deste trabalho, pois toda a história contada resume-se à cultura de um povo escravizado que, aos poucos, conquistou independência e não deixou sua cultura morrer. É importante situar o leitor quanto ao termo cultura para que compreenda todo o texto e adentre na história do município de Chapada de natividade, percorrendo uma linha do tempo contada pela comunidade.

Na segunda seção, "Contextualização sobre a folia de Santos Reis," conta-se a história da folia de Santos Reis, suas variações pelo Brasil, e contempla a folia da zona urbana de Chapada de Natividade. O objetivo é falar sobre a folia, a festa vivida pela comunidade em muitos anos e décadas atrás, além de apresentar relatos de folias em outros locais, com diversas variações, tanto de horário quanto de funções. Isso deixa o leitor informado sobre como funciona uma folia de Santos Reis.

2 UMA LEITURA INICIAL SOBRE A CULTURA QUILOMBOLA

Uma palavra que nos instiga à reflexão é "escravidão", remetendo a gerações de pessoas que enfrentaram inúmeras violências simplesmente devido à cor da pele. Essas pessoas foram anuladas em todos os aspectos imagináveis: em seus costumes, em sua terra, em sua história, ou seja, em sua cultura. Em termos gerais, a cultura pode ser compreendida como o resultado da atuação humana ao longo da história, estando constantemente sujeita a modificações e influenciada por valores que se consolidam em tradições transmitidas de geração a geração, conforme apontado por Alves (2009). Este autor, ao citar Burke (2005, p. 1), indica que o surgimento da História da cultura ocorreu em 1970, como resultado da validação dos aspectos culturais do modo de agir humano, tornando-se uma peça-chave no conhecimento histórico. O homem desempenha um papel fundamental na disseminação da história da cultura; sem o homem, a cultura não existiria. Como mencionado anteriormente, a cultura é uma produção humana, manifestando-se em suas ações e pensamentos. Ela representa uma combinação dos efeitos do ser humano, que se submete a uma rede complexa de relações sociais. De acordo com esses autores, a cultura pode ser explicada dessa maneira;

E definida como a totalidade de reações subjetivas e sociais que caracterizam a conduta dos indivíduos componentes de um grupo, coletiva e individualmente, em relação ao ambiente natural, a outros grupos, a membros do mesmo grupo e de cada indivíduo consigo mesmo. (FURTADO; PEDROZA; ALVES, p.107).

Neste sentido, cultura tem relação direta com a subjetividade e identidade de uma pessoa, no contexto das relações com o seu grupo de pertencimento. Por isso, falar de identidade remete tanto à cultura, pois está dentro dessa relação entre indivíduo e sociedade. Segundo Alves (2009, p.2), "a identidade individual é moldada pela influência do meio social, da cultura em que ele se encontra"; o sujeito absorve o meio em que vive e, com base em sua concepção, constrói a sua identidade.

Sabemos que no Brasil existem muitas culturas, e uma delas é a cultura quilombola. "Quilombola" vem do termo "quilombo", originalmente da língua umbundu, trazida por escravos da África. Os quilombos eram os lugares de refúgio dos escravos que fugiam das grandes fazendas, por meio de luta e insubordinação às regras estabelecidas naquela época. Segundo Furtado, Pedroza e Alves (2014), o Brasil foi o último país a abolir a escravidão, após 316 anos desse regime.

Os primeiros escravos, vindos da África, chegaram ao Brasil em 1554. Foram anos de resistência e luta até mesmo depois da abolição, e olhando para os números, foram anos e

gerações longe de casa e da cultura que mantinham na África, que poderiam ser facilmente esquecidos, mas o quilombo que é considerado símbolo de luta e resistência daqueles que não aceitavam a escravidão tornou-se uma representação de lar, onde ali trouxeram formas de preservar sua cultura, eram pessoas de diferentes regiões da África, por isso generalizar e resumi-los apenas em africanos é algo errôneo. O quilombo era um espaço de convivência e liberdade para todos de regiões circunvizinhas que se aproximavam e tinham costumes e cultura similares, neste sentido, Furtado, Pedroza e Alves (2014 p. 110) dizem que;

A existência de quilombos como espaço de convivência livre para os escravizados possibilitava o encontro com outros sujeitos na mesma condição e com raízes culturais próximas, mesmo que não fossem originalmente da mesma região da África, de onde vieram deportados pelos traficantes de escravos. O quilombo era um espaço em que os ex-escravos reafirmavam sua cultura, seu modo de vida comunal e coletivo, e a sua religiosidade. (FURTADO; PEDROZA; ALVES, 2014, p.110).

Observamos que o quilombo, símbolo de luta e resistência, tem suas raízes fincadas na sociedade, com sua cultura estabelecida dentro dos limites possíveis naquela época. Buscaram preservar sua religião, e isso se tornou ainda mais possível após a instituição da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, que proibiu a escravidão. Mesmo com tudo estabelecido e a escravidão abolida, a luta desse povo não terminava, pois ainda enfrentavam desafios quanto à sua aceitação como cidadãos. Contudo, outro aspecto importante foi a luta pela posse de terras, o que não foi fácil, uma vez que procuravam por lugares seguros para o sustento de suas famílias, como morros, chapadas e serras, próximos a engenhos e fábricas de alimentos. Um exemplo disso é o Município quilombola de Chapada de Natividade, onde se estabeleceu a comunidade quilombola de Chapada de Natividade, no Estado do Tocantins.

Em suma, a reflexão sobre a palavra "escravidão" nos conduz a uma análise profunda das gerações que enfrentaram inúmeras violências baseadas na cor da pele. A cultura, entendida como resultado da atuação humana ao longo da história, molda-se e evolui, influenciada por valores que se consolidam em tradições transmitidas de geração a geração. A relação intrínseca entre cultura, subjetividade e identidade é evidente. A construção da identidade individual é moldada pela influência do meio social e cultural em que o sujeito está inserido, conforme apontado por Alves (2009). No contexto brasileiro, destacamos a riqueza de culturas, incluindo a quilombola, originada dos quilombos, locais de resistência dos escravizados, conforme Furtado, Pedroza e Alves (2014). O Brasil, último país a abolir a escravidão após 316 anos, preserva uma história marcada por resistência e luta. Ao analisar o contexto dos quilombos, percebemos que foram espaços de convivência e liberdade, onde indivíduos compartilhavam

raízes culturais próximas, reafirmando sua identidade e religiosidade, mesmo sendo oriundos de diferentes regiões da África.

O quilombo representa um símbolo de luta e resistência, onde a preservação da cultura tornou-se essencial para aqueles que não aceitavam a escravidão. Mesmo após a abolição, a luta persistiu, não apenas pela aceitação como cidadãos, mas também pela posse de terras. Essa busca por segurança e sustento levou à formação de comunidades quilombolas, como a de Chapada de Natividade, no Tocantins.

Em síntese, a palavra "escravidão" é um ponto de partida para compreendermos as complexas relações entre cultura, identidade e resistência, destacando o papel crucial dos quilombos como símbolos de luta e preservação cultural ao longo da história brasileira.

2.1 O Município de chapada de Natividade

O município de Chapada de Natividade está situado a 197 quilômetros da Capital do Tocantins e teve sua origem na terceira década do século XVIII, impulsionado pela descoberta de ouro. Garimpeiros, comerciantes, senhores e escravos africanos convergiam para a região, mas desapareciam quando os veios de ouro se esgotavam (Natividade, 2021). Devido ao significativo volume de produção de ouro, o município foi palco de intensas disputas de poder entre as capitanias do Grão-Pará (Maranhão, Pará e América Portuguesa), Pernambuco e São Paulo. Eventualmente, a Coroa Portuguesa decidiu integrar o município ao território da Capitania de São Paulo. Contudo, o governador dessa capitania visitou a região com a intenção de se desvincular dessas terras. O povoado já havia sido iniciado em meados de 1738 pelo garimpeiro Carlos Marinho. A formação efetiva do município não ocorreu imediatamente, apesar de a Coroa Portuguesa ter realizado uma contribuição significativa para essa história, que consistiu em:

A coroa de Portugal, ainda no século XVIII, procurando resguardar sua arrecadação aqui na Capitania de Goiás, instalou postos de fiscalização e arrecadação dos tributos incidentes sobre animais em trânsito de uma capitania para outra. Da mesma maneira como os "registros" fiscalizavam o ouro, as "contagens" eram especializadas na tributação de gado e outros animais. Apesar da especialização, fiscalizavam e arrecadavam outros tributos de quem por ali passasse. A expressão "contagem" foi usada pela primeira vez em Minas Gerais, para designar o posto de fiscalização no Ribeirão das Abóboras, que deu origem à atual cidade de Contagem, naquele Estado. Entretanto, foi em Goiás onde existiram em maior quantidade. Seus servidores eram os "contageiros". Em 1798, a Rainha D. Maria I determinou a extinção desse cargo, que foi unificado com o cargo de "fiel de registro". Chapada teve seu posto de contagem denominado "Contagem de Chapada de Natividade", que foi mencionado em 1812, pelo Padre Luís Antônio da Silva e Sousa. (NATIVIDADE, 2021, p. 1).

O nome Chapada de Natividade já existia desde a década de 80, devido às chapadas presentes na região, conforme mencionado anteriormente. Nessa área, habitavam descendentes de escravos, cujos antecessores buscavam refúgio em locais como esse para se proteger, como explicam Furtado, Pedroza e Alves (2009, p. 109): "Inúmeros negros foragidos organizavam-se em locais distantes para resistirem ao sistema escravista imposto, constituindo-se assim os quilombos, lugares de refúgio desses negros". Eles começaram a povoar ao redor do posto de contagem, vivendo da terra e cultivando pequenas lavouras. A cidade está localizada a 12 km da cidade histórica de Natividade e foi distrito de Natividade de 1930 até 1995. Em 1º de janeiro de 1996, o município de Chapada de Natividade foi instalado, desvinculando-se de Natividade. Nesse período, Chapada de Natividade contava apenas com três ruas, denominadas como rua da frente, também conhecida como Rua 26 de julho, rua dos cruzeiros e rua do pau-d'arco, conforme relatos dos mais velhos. Ao buscar informações sobre a cidade de Chapada de Natividade em tempos mais remotos, optou-se por entrevistar uma moradora aqui denominada Dona Betinha. Com 59 anos, nascida e criada em Chapada de Natividade, ela é uma anciã da comunidade e quilombola. Dona Betinha ainda tem lembranças de quando possuía apenas essas três ruas. Ela nos conta que:

Chapada em outros tempos, era 3 ruas, rua dos cruzeiros, rua 26 de julho e rua do pau darco, na rua dos cruzeiros tinha a cruz, por isso se chama rua cruzeiro ne, que hoje é a padaria de neta, descendo a rua dos cruzeiros, confrontando a minha casa tinha um pé de caju, que era de caju do cerrado mas a gente olhava pra ele assim a gente dizia que era caju da Bahia porque ele era bem grandão, ai de tardezinha sabe era onde os meninos ficavam para brincar, jogar bola, ai hoje onde é a igreja, matriz, católica nossa ne, era um pé de ingá muito grande, era uma sombra grande mesmo, sabe, era ali que a gente passava principalmente o mês de agosto sabe, tempo quente, passava o dia porque era bem fresquin, ai descendo onde hoje e a casa de Edí mais Emília, era um pé de sabonete, sabonete era um pezão de arvore e ele dá umas bolinhas, e nessas bolinhas tinha sementinha bem pretinha, ai a gente chamava de sabonete, ai descendo saia na igreja que hoje é a igreja velha, por de trás dessa rua onde hoje é a cada de seu GERALDINHA tinha ai uns pé de manga e 4 pé de manguba, ai chegava onde hoje era lotérica a referência era casa grande na nossa época, tinha ai um bocado de pé de manguba e nossa chapada era linda e maravilhosa. (ENTREVISTA COM A MORADORA DE CHAPADA, BETINHA, 2023).

O lazer em Chapada de Natividade naquela época consistia em atividades simples, apreciadas pela comunidade como fontes de diversão. Um simples pé de caju proporcionava brincadeiras, rodas de conversa e referências às casas das próprias pessoas, já que todos se conheciam e compartilhavam muitas histórias juntos. Não apenas Dona Betinha, mas vários outros moradores, narram como a vida era antigamente, em uma época em que não contavam com água encanada, por exemplo. Dona Betinha nos relata como era para ter acesso à água:

Tinha um poço chamado Lapinha, nos tinha o chafariz, que a lapinha ficava aqui pôr o lado de cima sabe, e tinha Pedro também pra lapinha, só que a pedra era quando tava chovendo também, na época das águas que ela tinha água, quando chegava na época da seca ela secava, só que a lapinha não secava ne, tinha água toda época, seca e verde ne, era onde todo mundo pegava água, pegava água lava vasilha, tomava banho, tudo era na lapinha, sabe, se nos quisesse uma água mais saudável a gente ia lá no buritizinho, uma distancinha boa, mas a gente ia buscar água pra beber. (ENTREVISTA COM A MORADORA DE CHAPADA, BETINHA, 2023).

Nesse episódio, Chapada de Natividade não contava com água encanada nas casas. Por isso, as famílias precisavam buscar água nos poços disponíveis ou em riachos no entorno da cidade. No entanto, não consideravam isso um sacrifício. Para a população, o que pesava mais era a falta de acesso à saúde. O sofrimento para conseguir assistência médica e tratamento era uma questão que causava grande impacto aos habitantes de Chapada de Natividade, como relata a entrevistada Dona Betinha.

Difícil, muito difícil a gente ia a pé, não tinha transporte, hoje não, hoje tá tudo fácil antigamente se adoecesse, a pessoa aqui, um caso de não dá conta de ir, era uma democracia danada, porque aí você tinha que ir lá em Natividade, deixar essa pessoa que estava passando mal e ir lá em Natividade buscar transporte pra poder vim pegar essa pessoa pra levar até o hospital quando não ia de pé se desse conta de ir de pé, ia de pé, era muito difícil. (ENTREVISTA COM A MORADORA DE CHAPADA, BETINHA, 2023).

Tempos difíceis, pois imagine a situação de uma pessoa com algum problema de saúde tendo que percorrer 12 km a pé para receber ajuda médica e medicamentos. Provavelmente, devido às características do local em estudo, a caminhada era bastante demorada. Apesar de não ter ainda acesso a médico, somente contavam com dois mercados que atendiam às demandas da população local.

No entanto, ainda era necessário obter muitos recursos, razão pela qual a emancipação de Chapada de Natividade era vista como necessária, e quem buscou por isso foi o próprio cidadão que ali moravam. Com a participação ativa das pessoas de Chapada, como é costume chamar o município, para conquistar a emancipação, foram dias de lutas dos próprios habitantes de Chapada de Natividade, com o auxílio de pessoas de fora, mas agindo em conjunto. Dona Betinha ainda comenta:

A gente estava todo mundo junto, foi a época que eu vi o nosso povo todo mundo unido em um só propósito sabe foi a época da emancipação de Chapada, muita gente falava que nos não ia conseguir sabe, mas graças a Deus sabe, a primeiramente Deus, e depois Curcino, as pessoas que nos ajudou na nossa emancipação de Chapada, foi muita gente, nós somos um punhado sabe, mas nós temos que agradecer muito muito mesmo a Pedro cursinho, porque ele no lugar de advogado ficava pra lá e ele é quem orientava nos aqui, faz isso faz aquilo, faz isso, faz aquilo até quando nós conseguimos emancipar Chapada, mas só que eu acho, nos aqui na Chapada sabe, nos deveria mais

amor e consideração, reconhecimento a Pedro cursinho, porque não foi fácil pra ele. (ENTREVISTA COM A MORADORA DE CHAPADA, BETINHA, 2023).

Observamos que foi uma verdadeira batalha liderada pelos cidadãos que residiam, com Pedro Curcino à frente. Advogado, ele desempenhou um papel crucial ao auxiliar as pessoas em questões que elas não conseguiam resolver sozinhas. Sua importância na emancipação de Chapada de Natividade foi imensa, especialmente porque, como distrito de Natividade, todas as questões eram resolvidas indo até lá. Como mencionado anteriormente, as necessidades básicas eram negligenciadas para os habitantes de Chapada de Natividade, e a discussão sobre a emancipação teve início com reuniões e a colaboração de todos, conforme relata Dona Betinha.

Fizemos primeiro a associação, primeiro fizemos reunião, aí foi a associação sabe e aí muitas reunião muitas mesmo e aí quando foram aprovada sabe, fomos para as zonas rurais conversar com o povo pra votar no sim, a melhoria pra nossa cidade enquanto nos corria atrás do povo pra lutar por um ninho melhor da nossa chapada sabe, as pessoas ficaram criticando, principalmente ele Pedro, as pessoas criticando eu não tenho vergonha de dizer porque foi verídico e eu estava presente na hora sabe, nós tivemos a reunião no colégim que é a Marcolina Pinto Rabelo, aí quando nos saiu da reunião nos fomos pro buteco ali de Valdumiro de Jesus, e lá no buteco, foi eu, Cumpade Warley e Cilene e quando nós chego lá deparo com Joaquim Urcino sabe, e ele estava lá aí cumpade Warley pediu cerveja sentou e aí tamo ali conversando, aí a dona do buteco perguntou pra nós como tinha sido a reunião ne, aí nos pegou e falou, estamos animados ne, temos fé em Deus ele vai da certo, quando ele pegou e falou pra nós, como que é rabo de cavalo, aí nós ficamos assim sem saber da resposta ne, uai pra baixo, rabo de cavalo vai pra frente, aí nós não, pois bem assim vai ser a emancipação de chapada nunca isso aqui vai ser emancipado sabe, logo por quem, por Pedro, Pedro nunca vai da conta de emancipar ele está é mentindo pro ocês, que isso não vai acontecer, tá, aí o que foi que aconteceu, hoje as pessoas esqueceram, de Pedro Curcino que lutou pra nos ajudar, de quem é que o povo lembra? Esse senhor que eu relato que jogou um balde de água fria em nos, mas Deus tá no céu e ouviu o nosso clamor e nos conseguimos. Tem outra pessoa também que nos ajudou bastante também na emancipação de chapada, chame se, Deputado, ex-deputado, Condim, de porto nacional, ele também nos ajudou bastante, de advogado foi é Pedro Curcino, Dr, Condim, e aí nós temos os ajudantes daqui da Chapada que era Cristovam, Ezequiel, tinha um homem aqui chamado Surubim que o nome, eu não sei o nome verdadeiro dele só conheço ele por Surubim, sabe, e as demais mulheres, Justina, Enildes, eu Joaquim Custódio, seu pai sabe, professora Limira, e os demais a comunidade toda, todo mundo correu foi a luta aí um dava um pacote de café, outro dava um pacote de arroz, outro dava um mieiro de telha, e o outro comprava os descartáveis e nós fazemos a nossa reunião e conseguimos chegar ao objetivo. (ENTREVISTA COM A MORADORA DE CHAPADA, BETINHA, 2023).

A união fortaleceu a comunidade, e assim o povo conquistou a tão sonhada emancipação. Surgiram dúvidas, mas desistir nunca foi uma opção. A entrevista com Dona Betinha destaca o quão unido e determinado é o povo da cidade de Chapada de Natividade. Em determinado trecho, ela até menciona o amor que permeia entre eles e a alegria que sempre cultivaram em suas terras.

Atualmente, o município de Chapada de Natividade possui inúmeras ruas, setores variados e famílias que cresceram, interligando-se e mantendo-se vividas na história da comunidade. Dona Betinha, membro de uma das três maiores famílias da cidade, a qual está falando na pesquisa, identificadas como Família Dionizio, Família Pinto e Família Bamba (popularmente chamada, mas o nome correto é Gonçalves), relata essa composição. Chapada de Natividade é uma cidade notavelmente alegre e acolhedora, com uma população que sempre demonstrou apreço por receber visitantes de outras regiões. Dona Ana, entrevistada e anciã da comunidade, ao lembrar-se de sua juventude, descreve a cidade da seguinte maneira:

A chapada toda vida foi levada, tinha as festas do divino e de Santana, o povo fazia muita festa, bibia muito e eram boas as festas, todo ano mês de julho, ai tinha muita suça, forro nem se fala, os home bebia muita cachaça naquele tempo e fora que era desse jeito. (ENTREVISTA COM A MORADORA DE CHAPADA, ANA, 2023).

Observamos que hoje em dia não está diferente, a cidade tem o festejo de Santo Reis, que é o primeiro do ano, o Festejo do Divino Espírito Santo, o Festejo de Sant' Ana e, mais recentemente, a Semana Cultural da Consciência Negra, que teve início como um projeto no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes. O município de Chapada de Natividade apresenta mudanças significativas em seus aspectos geográficos atualmente, com inúmeras ruas e setores. No entanto, a vizinhança permanece a mesma, e o amor pela querida Chapadinha dos moradores continua vibrante. Essa continuidade é evidente nos relatos dos entrevistados, onde a dança Suça é mencionada como um elemento vivo, percorrendo o estado e encantando as pessoas, mostrando sua cultura.

Ao longo do tempo, a cidade de Chapada de Natividade, passou por várias transformações, como se observa em uma foto encontrada no acervo da prefeitura de épocas passadas.

Figura 1: Município de Chapada de Natividade, antigamente.



Fonte: Prefeitura de Chapada de Natividade.

Essa imagem mostra como a Chapada de Natividade em anos atrás. Observamos que já se encontrava muitas casas na região. Essa imagem mostra uma das principais avenidas do município, Avenida Tocantins.

Figura 2: Município da Chapada de Natividade, antigamente.



Fonte: Prefeitura de Chapada de Natividade.

Já hoje, podemos observar que as casas continuam as mesmas, os tempos vão mudando, mas algumas coisas permanecem iguais, observe as imagens abaixo. Comparação:

Figura 3: Município de Chapada de Natividade, atualmente:



Fonte: Prefeitura de Chapada de Natividade.

Figura 4: Município de Chapada de Natividade, atualmente:



Fonte: Prefeitura de Chapada de Natividade.

Abaixo, segue as ruínas da antiga Igreja Nossa Senhora do Rosário dos pretos, ponto turístico do município.

Figura 5: Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos:



Fonte: Prefeitura de Chapada de Natividade.

2.2 A dança na Comunidade: Conhecendo a dança suçã

A dança Suça, sempre esteve presente nos festejos, Dona Ana lembra das festas do seu tempo de jovem e relembra que em um festejo Domingo Latão à chama para dançar a Suça, ali todos dançavam até que;

Um véi me chamou pra dançar, Domingo Latão, filho do véi Manel Latão, trabalhava na igreja, Manel Latão era o pai de Domingo Latão, teve a Suça e ele dançando e eu olhando ate que ele pegou no braço ai o povo pegou fogo, ai ele também pegou fogo parece que não queria parar mais. (ENTREVISTA COM A MORADORA DE CHAPADA, DONA ANA, 2023).

A Suça é uma tradição transmitida de geração em geração, como relata Dona Ana. Ela aprendeu com a mãe, que, por sua vez, aprendeu com a avó. Dona Ana começou a dançar Suça desde muito jovem, quando Domingo Latão a convidou para dançar aos seus 12 anos de idade. Desde então, a Suça se tornou uma parte essencial dos festejos, e eles nunca pararam de dançar. A dança Suça é algo ensinado e passado adiante, começando desde a infância e permanecendo uma tradição no meio dos festejos. Podemos perceber de maneira educacional que há um prazer em participar desses momentos e aprender com os pais, como no caso de Dona Ana, que começou a dançar aos 12 anos quando Domingo Latão a chamou para dançar, embora já dançasse e encantasse antes desse convite.

Alinhando-se a essa perspectiva de aprender com os mais velhos, Pessoa afirma que:

Por isso, uma criança ou adolescente aprendendo a tocar um instrumento ou ensaiando um passo de dança, para também fazer parte da festa da sua família ou vizinhança ou comunidade, é uma pessoa que está aprendendo, assimilando uma compreensão de mundo e buscando uma forma de nele se inserir. (PESSOA, 2005, p. 4).

Por mais simples que seja o ato de aprender a dançar com a mãe, ele carrega um significado imenso, pois é dessa forma que a cultura se mantém viva, construindo uma ponte entre o passado e o futuro, impedindo que aquela dança ou canto caia no esquecimento. A dança suçã ressurgiu com Dona Ana e Domingo Latão em 1947, e hoje Chapada da Natividade conta com dois grupos de suçã: o grupo Sucia DONA MARIA, em homenagem a Dona Maria Custódio Camelo, e o grupo de Suçã MESTRE PATRICINHO, originado no Colégio. A Dança Sucia é uma expressão herdada dos descendentes de escravos quilombolas. As vestes das mulheres eram saias longas convencionais, pois já se vestiam assim para ir às rezas.

Hoje em dia observamos que houve uma mudança, preservando e valorizando as vestimentas antigas. Agora, a saia longa florida, a blusa com flores grandes e o turbante na cabeça são as marcas registradas do grupo de dança. A suçã possui uma magia intrínseca na dança, envolvendo tanto os dançarinos quanto a plateia que assiste. Os passos são realizados em movimentos circulares. Quando um casal entra na roda, começam a gingar com o objetivo de atrair um ao outro, seguindo assim até o último casal finalizar. Os passos são semelhantes aos do carimbó, com o pé na frente e atrás. As mulheres balançam as saias, enquanto os homens movimentam as mãos para trás. As mulheres entram na roda atraindo os homens, que dançam atrás, ao lado ou na frente, enquanto o restante forma um círculo ao redor. Abaixo, há uma foto do grupo de Suçã Dona Maria, com as vestimentas usadas durante a dança.

Figura 6: Grupo Suçã Dona Maria:



Fonte: Foto autorizada – Grupo Suçã Dona Maria.

Em 2003, a comunidade recebe a visita do SESC, que busca registrar a cultura do povo. Durante esse período, inicia-se uma investigação sobre a descendência do povo de Chapada de Natividade, resultando no registro do grupo Sucia Dona Maria, em homenagem à querida Dona Maria, incorporada à Associação Comunitária Visão de Águia. A vinda do SESC foi organizada pela prefeita da época, atendendo a um pedido da Secretaria de Assistência Social, Dona Jovelina Pinto Cerqueira. Com a incorporação da associação e as pesquisas que comprovavam a descendência quilombola da comunidade, era necessário registrar um movimento cultural, sendo a dança suça a escolhida.

Além do grupo Suça Dona Maria, mas recentemente formou-se o grupo Mestre Patricinho, iniciado no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes. Esse grupo surgiu com um conjunto de alunos que desejavam preservar a cultura da dança suça. Diante da inesperada pandemia que afetou a todos com solidão e isolamento, o grupo ficou receoso de que a tradição pudesse se perder ali. Por isso, buscou formas de expandir o grupo para outros espaços, além da escola, com o objetivo de não deixar essa cultura cair no esquecimento. A professora Raimunda, que atualmente não se encontra mais em Chapada de Natividade, mas é uma figura importante na comunidade, por sempre motivar e ajudar quando necessário, compartilhou detalhes sobre o processo de estabelecimento desse grupo na comunidade.

O grupo de mestre Patricinho se iniciou com estudantes, hoje ex-estudantes meus que dançavam na escola, pediu a mim, ajuda, para que a dança não morresse, pois eles com o trabalho que desenvolveram no Colégio e como eles são da raiz, da cultura, sabiam como era importante manter a cultura, como eu havia saído alguns desses estudantes me procuraram via Whatsapp, pois eu já estava em Dianópolis. Foi o caso de neta de Patricinho, o caso de Erlane, Elton Avelino, que ele é folião hoje ne, como estava no período de pandemia e sentiam que estavam enfraquecendo no Colégio e eles queria dar continuidade, e então eu disse que eles poderiam criar o grupo independente do Colégio, eles já sabiam, já dançavam vão se reunir, vão buscar pessoas que queiram e assim o fizeram, me colocaram no grupo pra estar orientando e pediu a mim que visse uma pessoa adulta pra ficar responsável, pensei na associação, que na época a presidente era a Alderina, eu falei com ela e ela disse que dava apoio a esses jovens, ficou então para ver o nome, não seria Dona Maria pois já existia esse grupo, então Patricinho sempre estava com a gente, sempre buscava preservar a cultura dentro de Chapada e assim se iniciou. Nesta época fui informada pelo meu colega Diego do Ninho cultural sobre a Lei Aldir Blanc, que tinha essa verba e queria minha ajuda para conseguir a verba para o grupo de suça que é da associação, falei com Alderina, ela fez todos os trâmites para a verba acontecer e assim fizeram a semana da Consciência Negra, onde eu participei como palestrante e dessa forma se estruturou o grupo mestre Patricinho (ENTREVISTA COM PROFESSORA RAIMUNDA, 2023).

Contudo, o projeto que veio da escola e se incorporou a associação quilombola visão de águia, tão tanto que recebeu verba para que continuassem mesmo com a pandemia da Covid 19, para a comunidade é esplendido ver o quanto os mais novos buscam por permanecer viva essa chama de uma tradição cultural que marca a história de Chapada de Natividade.

2.3 Associação Comunitária Quilombola Visão de Águia - ACQVA

A comunidade quilombola de Chapada de Natividade formou-se após a emancipação do município de Chapada de Natividade. Em 2001, a Secretaria de Cultura do Estado, em colaboração com a Fundação Palmares, investigava registros naquelas chapadas de descendentes de escravos. A Fundação Palmares desempenha o papel de verificar e certificar se as comunidades atendem aos requisitos para se tornarem "Comunidades Quilombolas", conforme estabelecido nos requisitos legais que constam na estrutura organizacional da Fundação Palmares.

No dia 22 de agosto de 1988, o Governo Federal fundou a primeira instituição pública voltada para promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira: a Fundação Cultural Palmares (FCP), entidade vinculada ao Ministério do Turismo. Ao longo dos anos, a FCP tem trabalhado para promover uma política cultural igualitária e inclusiva, que contribua para a valorização da história e das manifestações culturais e artísticas negras brasileiras como patrimônios nacionais. O § 4º do art. 3º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, reserva à Fundação Cultural Palmares a competência pela emissão de certidão às comunidades quilombolas e sua inscrição em cadastro geral. Desde então, foram emitidas 3.271 certificações para comunidades quilombolas; este documento reconhece os direitos das comunidades e dá acesso aos programas sociais do Governo Federal. (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES (FCP), 1988.).

A fundação tem papel norteador na evolução das comunidades quilombolas, reconhecendo-as como fruto da cultura histórica brasileira. De um lado ela promove direitos, por outro, luta por para que eles sejam respeitados. Constatando-se a veracidade, que ali residiam descendente de quilombolas foi necessário que se fizessem uma associação para tratar de tudo e formalizar a comunidade. Domingo, hoje presidente da associação quilombola visão de águia conta como foi a ideia dessa associação.

A existência da associação se tornou possível porque se descobriu que chapada tem descendência de quilombola, então para uma melhor organização deste povo se fundou a associação para melhor trabalhar para melhor buscar recursos, para melhor estar se informando uns com os outros pelo direito e por tudo que existe em prol de quem são descendentes de quilombolas. (ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOMINGO).

Em 2005 a comunidade foi reconhecida pela Fundação Palmares, o grupo de suça esteve presente ativamente nesse processo de criação da comunidade, que é uma herança histórica do povo quilombola dessa região. Contudo apenas em 2010 a Associação foi registrada como Associação Comunitária Quilombola Visão de Águia, como conta Domingo:

“somente 2010 registramos a associação com o nome Visão de águia, sugerida pela nossa colega Claudia”. A primeira reunião de membros foi no ano de 2010, a primeira ATA

registrada definia seus integrantes e os cargos e funções que ocupavam, como aparece na descrição da ata da reunião:

A primeira reunião da associação contou com 28 Membros que ficou registrado na Ata da associação. Sendo a equipe diretiva, Presidente: Edvards Dias Cardoso Vicepresidente: Neima Dídima dos Santos, Diretora Financeira: Auderina de Jesus Reis, Diretora Administrativa: Zilda Dias do Nascimento Miranda, Diretora Financeira Adjunta: Elizangela Dias Furtado, Diretora de Comunicação Social: Luciana Nunes de Almeida Pereira, Conselho Fiscal: Emivalda Cústódio Camêlo, Alice Pires de Santana, Belinha Dionizio de Santana, Fernanda Custodio Camelo, Fellipe Dionizio de Santana. (ATA DA PRIMEIRA REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA QUILOMBOLA VISÃO DE ÁGUIA, 2010, p. 1).

Este foi o primeiro registro da Associação, mas ao longo dos anos, são realizadas eleições para a renovação da sua direção. As eleições ocorrem entre os associados, as chapas são apresentadas, e somente quem está inscrito na Associação pode votar.

A Associação desempenha um papel fundamental na comunidade, buscando a defesa dos interesses de todos: organiza, estrutura e dá o impulso necessário para os festejos e a dança. Busca sempre valorizar a cultura que é transmitida de geração em geração. Sobre a passagem de geração, Alves (2009) acrescenta: "Com o passar dos anos, as mudanças acompanham a era, mas a essência continua". Isso é notável nos festejos e folias que a comunidade de Chapada da Natividade tem, incluindo a Folia de Santos Reis, do Divino

Espírito Santo e o Festejo de Sant' Ana. Contudo, a associação é a representação do povo quilombola da comunidade de Chapada de Natividade. Nela se encontra a segurança do pertencimento, dos direitos, das lutas, da preservação das tradições e da valorização da cultura quilombola.

Um marco importante da associação é a Semana da Consciência Negra, citada nos textos acima. A associação busca a valorização da cultura quilombola e a preservação da tradição, oferecendo oficinas de confecção de instrumentos. No ano de 2021, a Associação promoveu oficinas de confecção de pandeiro e caixa, instrumentos utilizados na folia da comunidade na zona urbana. O intuito é que a comunidade aprenda por meio de ensinamentos de uns para os outros. De acordo com o acervo cultural, a comunidade conta com muitos artesanatos, aprendidos ao longo dos anos observando e extraindo o ensinamento. Na oficina de caixa e pandeiro, observa-se que a aprendizagem é feita por meio da observação e convívio.

Mas ao longo dos anos, principalmente pós-pandemia causada pela COVID-19, a comunidade e principalmente os foliões mais velhos sofreram perdas. Para que os mais jovens saibam e reproduzam a cultura posteriormente, é necessário que saibam como fazer um pandeiro, como fazer uma caixa de pumba. Nesse quesito, a associação entra em ação,

valorizando e dando voz à comunidade. No “site “Ninho Cultural” da Associação, é possível ver o relato de como esse ensinamento é passado dentro da comunidade,“), o processo de ensino aprendizagem acontece em instituições educacionais formais e não formais. “A educação formal acontece em instituições como Escola e Igreja, enquanto a educação não formal é processada em instituições como a família, Estado, Televisão e por outros meios de comunicação (rádio, jornal, entre outros)”, conforme Moreira (2018, p. 542).

Na comunidade, as crianças desde muito cedo estão inseridas na folia, que é um meio de aprendizado não formal, absorvendo conhecimento dos mais velhos, validando assim o processo de ensino-aprendizado na folia, como relata Geraldo Araújo dos Santos, membro da associação, responsável por ensinar como produzir a caixa, disponível no site da Associação¹. Geraldo conta que aprendeu observando desde muito cedo seu pai na folia, com os instrumentos. O processo de aprendizado foi algo natural e espontâneo para ele, que hoje repassa para a geração mais nova da comunidade. Essa oficina faz parte de um movimento maior dentro da comunidade produzido pela Associação, que é a Semana da Consciência Negra. Durante essa semana, são promovidas atividades repletas de história e valorização da cultura da comunidade.

A Associação desempenha o papel crucial de buscar, realizar e preservar a cultura, impedindo que ela seja atropelada pelos tempos modernos. Dentro da comunidade, diversas formas de artesanato são praticadas, descritas na galeria da prefeitura de Chapada de Natividade como forma de exposição para que os visitantes conheçam a história. Um exemplo é parte de um quadro denominado "Saberes e Fazeres Quilombolas", exposto na Secretaria da Cultura do município. Muitos saberes se perpetuaram na herança passada para os filhos.

Dentre os diferentes utensílios do cotidiano, estão o tapiti, o quibane e a peneira de tala e folhas de buriti, os potes e panelas de barro, gamelas, pilões e mãos de pilão de madeira, o forno a lenha para assar bolos, petas e biscoitos, os pandeiros utilizados nas Folias do Divino Espírito Santo e de Santos Reis, as vassouras de fibras de buriti e piaçava, as bruacas de couro de bala para transporte de cargas em animais ou para guardar objetos, a gamela de madeira. Todo material e produção são feitos dentro da comunidade, repassados de geração em geração, seja de forma espontânea, como no caso da caixa, ou por meio de interesse.

Abaixo, seguem algumas fotos da produção da comunidade. Exemplos.

¹ Associação Comunitária Quilombola Visão de Águia – ACQVA A comunidade quilombola de Chapada de Natividade formou-se após a emancipação do município de Chapada de Natividade. <https://www.ninhocultural.com.br/visao-de-aguia>).

Figura 7: Artesanato:



Fonte: Foto autorizada da comunidade.

A foto acima mostra a peneira confeccionada a partir da tala de buriti, produzida na comunidade quilombola de Chapada de Natividade.

Figura 8: Artesanato Quibane



Fonte: Foto autorizada da comunidade de Chapada de Natividade.

A imagem acima mostra o instrumento chamado de tapiti na coloração verde, produzido na comunidade e tem por finalidade escorrer a água da massa de mandioca para a produção da

farinha. Esta é uma parte da história da comunidade. Para conhecer mais sobre histórias e tradições de Chapada de Natividade, iremos para a próxima seção, contemplada por falar sobre festejos, mas principalmente sobre a folia de Santos Reis.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A FOLIA DE SANTOS REIS

Neste capítulo o intuito é falar sobre a folia de Santos Reis no município de Chapada de Natividade, mas para que possamos entender a folia ali, precisamos assim conhecer a folia, sua origem, sua história, conhecer em outros lugares, a folia tem uma relação direta com a cultura, dito que é uma expressão cultural popular. A festa de Santos reis ou Reisado como também pode ser chamada é uma festa popular e tradicional brasileira, com caráter religioso, acontecendo no período natalino, entre 24 de dezembro a 6 de janeiro. Pessoa (2007) classifica as festas populares em ciclos, sendo eles os mais importantes, ciclo das festas natalinas, ciclo carnavalesco, ciclo quaresmal e ciclo das festas juninas. No Brasil a festa é celebrada em diversas regiões do país, os estados que têm maior força é Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e Goiás. Originalmente a folia veio de Portugal,

Pessoa (2007) acrescenta que;

Seus ingredientes, são de origem portuguesa e, no Brasil, desenvolveram-se no antigo “Corredor das Bandeiras” (SP, MG e GO), se espalharam para outros estados como Rio de Janeiro, Paraná, Espírito Santo, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Tocantins. No nordeste de Minas Gerais, no Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí e Sergipe são tradicionais grupos de Reisado. Na Bahia, Santa Catarina e Rio Grande do Sul existem os Ternos de Reis. (PESSOA, 2007 p.10).

As manifestações de Santos Reis ocorrem em vários estados e podem receber diferentes denominações, como mencionado anteriormente, no entanto, a essência é a mesma: chamar a atenção para o nascimento de Jesus Cristo. Isso está de acordo com o relato bíblico que descreve a peregrinação dos três Reis Magos, os quais avistaram uma estrela brilhante no céu e souberam que ali estava o nascimento do menino Jesus. Neste sentido, conforme o livro bíblico de Mateus, a origem da folia de Santos Reis, pode ser afirmada:

Mateus já vai direto ao assunto “Tendo Jesus nascido em Belém” E aí que se encontra a origem mais remota da folia de Reis. Já no primeiro versículo da narrativa, o evangelista diz: “ei que vieram magos do Oriente”. Mas o texto bíblico não diz quantos eram, nem seus nomes. No desenvolvimento da devoção ao longo dos séculos, teólogos, pintores, hagiógrafos e os chamados padres da igreja foram definindo o que não foi dito no texto sagrado. (PESSOA, 2007, p. 74).

Observamos que as escrituras sagradas revelam a origem da devoção aos Santos Reis. Apesar de não especificarem quantos são, no versículo 11, citado por Pessoa (2007), menciona-se que esses reis trouxeram três presentes para o menino Jesus: ouro, incenso e mirra. Dessa forma, deduziu-se que eram três reis, aos quais foram atribuídos os nomes Gaspar, Belchior e Baltazar. Os três Reis Magos percorreram longas distâncias para chegar até o menino Jesus.

Durante a jornada, encontraram o Rei Herodes, que desejava eliminar o Rei dos Judeus. Diante dessa ameaça, tiveram que escolher cuidadosamente o caminho a seguir, e essa decisão é um aspecto crucial levado muito a sério durante o percurso da folia.

Essa narrativa é trazida de maneira esclarecedora por Pessoa (2007):

A interdição que a folia se impõe, de não poder cruzar um caminho por onde ela já passou, é uma forma segura que a folia se mante fiel ao fato bíblico que lhe dá origem. Como o Rei Herodes tentou enganar os magos, dizendo-lhe que também queria adorar o menino Jesus, pedindo-lhes que lhe avisasse, onde teriam encontrado, o Evangelho de Mateus, no veículo 12 da narrativa já citada diz: “Avisados em sonho que não voltassem a Herodes, regressaram por outro caminho”. (PESSOA, 2007, p. 77).

Observamos que a folia é rigorosa em vários aspectos desde o início, mesmo diante das mudanças de época e, por vezes, de adaptações regionais, não se altera algo fundamental para a peregrinação dos devotos que acreditam nos Reis Magos. Quando mencionamos mudanças regionais, a folia se disseminou pelo Brasil através dos imigrantes; em Goiás, por exemplo, recebeu influências de Minas Gerais, integrando a folia de Santos Reis como um movimento cultural de cunho religioso. A pessoa responsável por essa introdução é José Pedro Rabelo, que chegou a Itapuranga na década de 40, vindo de Minas Gerais.

Como era um homem muito católico, José Pedro fez um voto, de realizar uma festa no dia de Santo Reis. Como a folia de Reis não fazia parte das tradições da região, José Pedro teve que buscar vários foliões no município de Tiros-MG, onde a folia já era tradição religiosa, para fazer a festa e, com isso, cumprir sua promessa. E com isso acabou introduzindo no município de Itapuranga a Folia de Santos Reis, em 1942. (VIANÊS, 1993, p.61).

Conforme, Vianês (1993) o registro de como a Folia de Santos Reis foi introduzida em Goiás, especificamente na região de Lages. De acordo com a tradição mineira de Santos Reis, o festeiro deve passar a coroa adiante, enfatizando a ideia de que a folia será realizada novamente no próximo ano. Essa prática foi mantida ao longo dos anos, e, caso ninguém se voluntariasse, a coroa seria enterrada. Conforme Alves (2009), "O território goiano, assim como os outros estados, não possui fronteiras culturalmente delimitadas, uma vez que influencia os demais estados brasileiros e é influenciado pela cultura de outros estados devido à vinda de imigrantes que se estabeleceram em todo o espaço goiano".

Nesse contexto, destaca-se que a Folia é trazida de Minas Gerais, mas apresenta um traço cultural distintivo de Goiás, que pode ser levado a outros estados sem limitações territoriais, apenas culturais.

Como ressaltado em nosso percurso, esse aspecto é crucial no giro da Folia. Na época de dezembro, as chuvas intensas costumam elevar o nível de rios, córregos e outros corpos

d'água, e naquele tempo a região não contava com estradas. Por esse motivo, a Folia enfrentava obstáculos, percorrendo trilhas e atravessando córregos. Esse breve histórico serve como ponto de partida para a discussão sobre a Folia de Reis no município de Chapada de Natividade, que carrega fortes vestígios dessa tradição.

3.1 A folia de reis em chapada de Natividade

Em Chapada de Natividade, a Folia de Santos Reis ocorre, conforme relatos de moradores, desde 1950, sendo resgatada por Marcolina Pinto Rabelo e Elvira Henrique Santana, popularmente conhecida como Morena. A história da origem da Folia de Santos Reis no município é contada por Joaquim Custódio Camêlo, um dos foliões que participa da festa na zona urbana de Chapada de Natividade.

Atualmente com 83 anos, o senhor Joaquim compartilha suas vivências, e em Chapada, a Folia costuma acontecer tanto na zona urbana quanto na rural. Inicialmente, era uma festa predominantemente rural, como relata, Vianês (1993). Chega a mencionar que "no início não havia estradas, somente trilhas, e a folia, além de enfrentar dificuldades no acesso às residências, tinha como obstáculos os brejos e córregos." Ao longo dos anos, a Folia de Santos Reis passou por transformações, adaptando-se às mudanças na sociedade. Como destaca Pessoa (2007), "a história muda, as pessoas incorporam novas visões de mundo, e por isso, 'a cultura é dinâmica', como lembra o antropólogo Roque Laraia (1986)."

Nos dias atuais, em Chapada de Natividade, existe duas festas de Santos Reis, uma na zona rural e outra na zona urbana. A partir dos anos 1970, houve uma redução da população rural, o surgimento da televisão e melhorias nas estradas e transportes, o que aproximou o meio rural e urbano. A Folia passou a ocorrer em ambas as áreas, unindo a comunidade. Na zona urbana de Chapada de Natividade, a festa de Santos Reis inicia-se em 5 de janeiro, a partir das 18h, e encerra-se no dia 6. A Folia percorre as casas durante a noite.

Diferentemente da comunidade Kalunga em Mimoso, no Tocantins, onde a festa ocorre durante o dia e dura cerca de seis dias, em Chapada de Natividade, os foliões saem no dia 1º de janeiro, fazendo o giro e retornando no dia 6, como Santos e Araújo (2020, p. 644) mencionam "cujo ciclo é realizado no mês de janeiro, iniciando no dia primeiro e terminando no dia 6." Cada comunidade, quilombola ou não, tem sua forma única de realizar a Folia de Santos Reis, demonstrando variações culturais ao longo dos anos, como Alves (2009, p.3) destaca.

A identidade fixa, estável, acabada, própria do sujeito cartesiano unificado e racional está em crise. As identidades naturalizadas dão estabilidade ao mundo social, mas a mistura de etnias, povos, conceitos, valores etc. desestabilizam as identidades, constituindo uma estratégia provocadora e questionadora de toda e qualquer fixação de identidade [...]. (ALVES, 2009, p.3).

A Folia de Santos Reis passa por diversas transformações, refletindo uma mudança de identidade ao longo do tempo. Alguns giros ocorrem ao longo de vários dias, enquanto outros se limitam a apenas uma noite ou um dia. Essa variedade desafia a ideia de fixação em uma única forma.

Em Chapada de Natividade, a Folia de Santos Reis inicia-se na casa do imperador, que tem a escolha entre duas opções para o canto: iniciar o canto na saída ou na chegada. Essa decisão fica a critério de cada imperador, e o canto representa as histórias que eles desejam compartilhar. Como destaca Alves (2009, p. 5), "com relação às canções entoadas, elas são sempre de caráter religioso, com exceção das animadas que são tocadas nas tradicionais paradas em casas, onde os foliões fazem suas refeições e descansam". A escolha das músicas durante as paradas nas casas é determinada pelo dono da casa, que muitas vezes prefere a suça.

As pessoas e grupos populares não têm como primeira forma de expressão o domínio da escrita. Seus textos são escritos em forma de dança, de cânticos rimados para facilitar a memorização, são troças, lendas, ditados, com muita comidinha gostosa. É dessa forma que o povo escreve suas memórias valores, seus códigos de regras, suas crenças, suas angústias pelo árduo trabalho, suas esperanças e fantasias. Os ingredientes que compõem a festa popular são também textos por meio dos quais a gente simples manifesta tudo aquilo que lhe toca mais profunda e intensamente. (PESSOA, 2005, p.4).

Os cantos são de alegria, esperança bem dizer, no canto 1 de Chapada de Natividade é uma comparação entre a folia do Tocantins e da Bahia. Segue abaixo:

*Alegrei cheguei cantando, alegre cheguei cantando.
 Recebei, recebei com alegria
 Aqui vem o neto de Ana, aqui vem o neto de Ana.
 Filho da filha do filho da virgem Maria
 Nos cantamos os reis aqui, nos cantamos os reis aqui
 Como canta como canta como canta na Bahia
 Nós aqui cantamos de noite, nos aqui cantamos de noite.
 E eles lá, e eles lá, e eles lá cantam de dia.
 Santo Reis saiu pro giro
 Santos Reis saiu pro giro*

Este é o primeiro cântico da Folia de Santos Reis, que, por si só, já indica que o giro ocorre à noite, diferentemente da Bahia, onde ocorre durante o dia. A cerimônia tem lugar na casa do imperador, onde a bandeira é exposta. A bandeira é um símbolo muito significativo na

Folia de Santos Reis, sendo respeitada por todos e desempenhando um papel crucial no giro. Em Chapada de Natividade, a bandeira é amarela, representando o Menino Jesus e a Virgem

Maria montados em um cavalo na frente, seguidos pelos reis magos atrás. A bandeira possui fitas coloridas, e cada cor tem um significado que inspira a fé dos devotos. Conforme destaca Alves (2009, p. 5):

A bandeira constitui o elemento sagrado da companhia e é tratada com reverência explícita pelo fato de que os moradores da casa devem beijá-la de forma respeitosa; ela é passada com fé sobre as camas dos doentes e não pode ser colocada em qualquer lugar por ser considerado menos digno. Durante todo o tempo que a folia tiver no pouso, a bandeira fica na parede, sobre o altar, com as fitas coloridas pendendo sobre ela. (ALVES, 2009, p.5).

As fitas coloridas têm um significado específico, representando cada cor uma ideia: o verde simboliza o Rei Gaspar, representando os semitas da Ásia, e está associado à esperança, indicando a confiança em Deus. O amarelo representa o rei Belchior, simbolizando o povo europeu e seus líderes. O branco, por sua vez, carrega o sentido de pureza, representando o Menino Jesus e a pomba da paz. Já as cores rosa e azul representam a Sagrada Família.

A história da bandeira é transmitida de geração em geração, desde tenra idade, ensinando-se o respeito por ela. Abaixo, uma foto da bandeira de Chapada.

Figura 9: Folia de Santos Reis – Religião:



Fonte: Foto autorizada – Bandeira de Santos Reis de Chapada de Natividade- Arquivo Pessoal Família Camêlo.

Na folia de reis, a bandeira antes de sair e quando chega fica no altar montada para ela como símbolo de respeito, confiança e fé. Abaixo segue foto.

Figura 10: Altar da Bandeira (2016):



Fonte: Foto autorizada – Altar da Bandeira (2016).

Assim, a saída do pouso se inicia com a bandeira a frente com os cantos, cantos mais variados, alguns até pedem para tocar suça, abaixo seguem alguns.

Canto 02

*Porta aberta luz acesa, porta aberta luz acesa.
 Recebei, recebei, recebei com alegria
 Aqui vem o neto de Ana, aqui vem o neto de Ana.
 Filho da, filho da, filho da, filho da virgem Maria
 Esta casa está bem-feita e esta casa está bem feita
 Nela mora, nela mora, dentro dela também mora.*

*Marido, Marido, Marido, filo e mulher.
 Marido filo e mulher, marido filho e mulher.
 Peço os anos, peço os anos, peço os anos que deseja.
 Depois dos anos completos depois dos anos completos
 No reino, no reino, no reino do céu se ver.
 E agradecemos pela esmola, e gradecemos pela esmola.
 Que vai da, que vai da, que vai dos meus santos reis.
 E agradecemos por esse ano, agradecemos por esse ano.
 E até pró, e até pró, e até pró ano outra vez.*

Canto 03

*Acorda! Quem está dormindo e acordai quem está dormindo Nesse
sono, nesse sono que está.*

Soube que estava doente, sobe que estava doente.

E a saúde e a saúde e a saúde veio-lhe da

Esta casa está bem, feita, esta casa está bem feita.

Por dentro, por dentro, por dentro, por fora não.

Por dentro cravo e rosas, por dentro cravo e rosas.

Por fora, por fora, por fora manjerição.

Dentro dela também mora, dentro dela também mora. Senhor

(a) viúvo (a) com obrigação.

Agradecemos pela esmola e agradecemos pela esmola

Que vai dá que vai dá que vai dá meus santos reis

Agradecemos por esse ano, e agradecemos por esse ano.

E até pró, e até pró e até pró ano outra vez.

Esses são alguns dos cantos, sempre cheios de vida e animação. Alves (2009, p. 5) complementa dizendo que "as canções entoadas são sempre de caráter religioso, com exceção das animadas que são tocadas nas tradicionais paradas em casas".

O imperador escolhe se prefere receber o canto na saída ou na chegada do giro. É uma regra que o pouso não pode ocorrer pelo mesmo lugar de onde saíram algo semelhante à folia de Mimoso do TO. Os foliões saem pela direita e devem chegar pela esquerda, conforme conta seu Joaquim. Ao amanhecer, no final do giro, rezam o terço, incluindo uma estrofe dedicada aos reis magos. A bandeira é colocada no altar, montado a cada ano na casa do festeiro ou imperador. Para encerrar, é servido um banquete, característico pela abundância de comida para os foliões, já que a folia de reis é conhecida por sua grande fartura. Em cada casa que o giro entra, é oferecido um lanche para que os foliões possam sustentar-se durante a noite de cantoria.

Na folia de reis, cada folião tem uma função específica que serve para a organização e que tem sido estabelecida há muito tempo. Embora hoje não seja exatamente como antigamente, ainda persiste um pedaço dessa história. Em Chapada de Natividade, o grupo é composto pelo alferes, responsável por carregar a bandeira; os tocadores dos instrumentos, que utilizam o triângulo e a bumba; e os foliões, que entoam os cânticos. Alves (2009, p. 6) aborda a função da companhia que realiza o giro.

Cada elemento da companhia tem sua função delimitada e pré-estabelecida sendo:
Capitão da Folia: porta voz e administrador da companhia, tido como a autoridade

máxima; Embaixador da folia: canta a história bíblica da visita dos Reis Magos à gruta de Belém, de posse de uma viola. É o cantador e versos; Bandeireiro (Alferes): é aquele que leva a bandeira, mesmo que qualquer participante ou visitado pode, eventualmente, exercer esta função em cumprimento de uma promessa ou devoção. (ALVES, 2009, p.6).

Cada folia de Santos Reis, de acordo com suas próprias impressões, tem seu modo peculiar de realizar a festividade, sem perder a essência e a história. Ao longo dos anos, a folia tem se adaptado aos tempos modernos, e, com a cultura enfraquecendo, algumas funções foram sendo extintas, principalmente na folia retratada aqui na zona urbana. Ao comparar a folia de reis atual com a de antes, observa-se a existência de muitas funções que foram perdidas, como o papel do palhaço, cuja função era despistar os soldados do rei. Seu papel era fundamental no giro da folia de Santos Reis, especialmente pela magia que transmitia à festividade, seguindo o ritmo de perseguição do rei Herodes aos três reis magos.

Conforme Coelho e Maia (2011, p.135), os três Reis Magos se tornaram santos ao perceberem a estrela ou a luz divina e a seguirem até a gruta, manjedoura, lapinha ou estábulo, onde nasceu o Filho de Deus. A peregrinação reproduz, atualmente, a fé de que os Santos Reis intercederão por eles.

Dessa forma, nota-se que a folia de Santos Reis na zona urbana perdeu uma parte da história, mas continua com a mesma essência e a fé inabalável dos foliões, que recorrem aos Santos Reis para muitos males. Por outro lado, trouxe uma cultura que antes era restrita à zona rural para a cidade, com algumas adaptações. Apesar de haver menos instrumentos, o caminho é melhor, com mais casas e pessoas participando, o que proporciona muitas aprendizagens. Pessoa (2007, p. 73) completa:

Levando em conta essa pequena diacronia – dos anos 1960 aos anos de 1990 -, que, ao mesmo tempo, foi um período de profundas transformações das relações entre campo e cidade e, por via de consequência, das manifestações populares aí compreendidas, a folia de reis é um espaço cultural de múltiplas situações de aprendizagem. (PESSOA, 2007, p.73).

Concordando com o autor supracitado ao perceber que a folia é um espaço de múltiplas situações de aprendizagem, contemplando a zona urbana com uma ideia diferente das festas que são definidas para tal. Contudo, compreende-se que a folia tem muito a unir o povo da zona urbana, seja na fé, na festa ou na dança.

Por isso, em Chapada, a folia de Santos Reis na zona urbana não morre. O povo quer receber a alegria e a fé em sua casa, sem a necessidade de ir longe, pedindo que os Santos Reis intercedam. Dessa forma, nota-se que a comunidade fica mais unida, as pessoas conversam entre si, compartilham opiniões sobre a culinária, criando um momento mágico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa ocorreu em torno do objetivo principal: "Conhecer a história da comunidade quilombola de Chapada de Natividade, com um olhar de dentro da comunidade, trabalhando desde os mais velhos até os mais novos, e assim conhecer suas tradições". Contando com objetivos específicos: apresentar a história da comunidade quilombola, no município de Chapada de Natividade; caracterizar as festividades, principalmente a folia de reis, mostrando a importância para a comunidade; identificar e discutir a história da comunidade com as pessoas mais velhas, lembranças repassadas por seus pais e avós; mostrar como os quilombolas mais jovens lidam com a responsabilidade de seguir as tradições e aprendem sobre as lutas da comunidade.

Observando sob o ponto de vista metodológico, esta pesquisa foi de cunho qualitativo, buscando referências de histórias da comunidade, autores que abordam cultura e identidade, e autores que vivenciaram a folia de reis ou qualquer outra festividade denominada como tal, para acrescentar ideias iguais e contrárias. Observou-se que a cultura pode vir de um mesmo lugar, mas ela muda. Para conhecer a comunidade, foi realizado um diálogo com pessoas da comunidade, muitas delas mais velhas, que compartilharam histórias de tempos diferentes, permitindo a observação das diferenças e semelhanças.

Dessa forma, na primeira seção, foi de suma importância falar sobre o quilombo, os quilombolas e a cultura, para que inicialmente se conheça de onde vem esse povo que luta e contribui significativamente para a cultura brasileira. Na segunda seção, mostrou-se sobre a associação, que é uma parte importante na comunidade, sendo a representação da comunidade quilombola, e a dança suça, marca registrada da comunidade, tanto dentro como fora do município. Dar a importância certa para ela é fundamental para este trabalho, pois a dança faz parte da história da comunidade, não poderia deixar de falar dela em nenhum momento deste trabalho. Na terceira seção, acrescentou-se a folia, mostrando como é a folia no município Chapada de Natividade, observando a diferença e conhecendo a comunidade através da festa.

Na terceira e última seção, deu-se foco na folia, pois a comunidade é muito conhecida por sua fé e devoção, tanto aos Santos Reis quanto ao Divino Espírito Santo e a Sant' Ana. Na folia de Santos Reis, renasceu a dança suça, sendo tão importante que ocorre tanto na zona urbana quanto na zona rural, desempenhando um papel crucial na comunidade. Para conhecer a comunidade, ninguém melhor do que seus próprios moradores. Dessa forma, a ideia era entrevistar pessoas da comunidade para obter respostas, e assim foi feito. A comunidade fala, conta a história, e o mais interessante é mergulhar nas histórias de como Chapada da Natividade

era antigamente, como a dança suça renasceu nos anos 90 na folia de Santos Reis na zona rural e como Chapada contava com apenas três ruas antigamente.

Contudo, obtiveram-se todas as respostas almejadas neste trabalho. Chapada de Natividade é um município de história sofrida. As pessoas de antes lutaram para que hoje ela faça parte da história brasileira. A associação está empenhada em lutar para que a cultura nunca morra, continue viva e pulsante.

REFERÊNCIAS

ALVES, Aroldo Candido. **Folia de Santos Reis: tradição e Identidade em Goiás**. II Seminário de Pesquisa e Pós-graduação em História UFG/UCG. Goiás, 2009.

Ata, Associação Comunitária Visão de Águia da Cidade da chapada de Natividade Tocantins. CNPJ. 1409776000195. Ano de 2010.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**. Goiânia. Editora UFG. 2004.

CULTURAL. Fundação Palmares. Disponível em: https://www.palmares.gov.br/?page_id=95 acesso em: 10/02/2023

FURTADO, PEDROZA, ALVES. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Revista psicologia e sociedade**. Universidade de Brasília. 2014.

MOREIRA. Cleumar de Oliveira. **Folia de Santos Reis: Uma Tradição que Educa**. VII semana de integração. UEG. 2018.

PESSOA, PESSOA e Vianês. Jadir de Moraes; Edson; Edson Alves. **Meu senhor, da Casa: Os 50 anos da folia de reis das Lages**. Goiânia. 1993.

PESSOA. Jadir de Moraes. Aprender e ensinar nas festas populares. **Revista Salto para o futuro**. 2007.

PESSOA. Jadir de Moraes. **Mestre caixa e viola**. Cad. Cedes. Campinas. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 25 out 2023.

SANTOS, SANTOSE ARAÚJO. Wilson Rogerio dos. Ana Roseli Paes dos. Dinomar Rosa. Música e tradição: trajetória da folia de reis na comunidade quilombola do minoso. **Revista de história e estudos culturais**. 2020 Disponível em: www.revistafenix.pro.br. Acesso em: 25 out 2023.

APÊNDICE

Roteiro da entrevista/Chapada de Natividade

1. Quando surgiu a comunidade Visão de Águia?
2. Quando e como surgiram as festividades em Chapada de Natividade?
3. Como a comunidade inseriu os jovens e crianças nessa cultura?
4. Quais os afazeres da comunidade?
5. Como esses afazeres são direcionados aos jovens da comunidade?
6. Qual a imagem estampada na bandeira de santos Reis e o que ela representa?
7. Na bandeira há várias fitas coloridas, há algum significado a elas?
8. Quem confeccionou a bandeira da comunidade de Chapada de Natividade?
9. Desde quando essa bandeira acompanha o giro da comunidade?
10. Falando em Folia de Reis, em outras comunidades como em mimoso no TO, há presença do palhaço, aqui em Chapada existe o palhaço na folia?
11. Como acontece o giro na zona urbana? É diferente da zona rural?
12. Como era chapada nos anos 90?

ANEXO

Imagens dos entrevistados



Foto autorizada: Senhora Jovelina Pinto Cerqueira.



Foto autorizada: Francisca Dionísio de Santana.



Foto autorizada: Dona Maria Custódio Camelo